

RELAÇÃO AVÔ E NETO EM "MENINO DE ENGENHO"

José de Sousa Campos Júnior*
Valdézio Nascimento de Lima*

RESUMO:

Os acontecimentos na fase infantil constituem a personalidade dos indivíduos, determinam sua visão de mundo e suas escolhas. Isso é constatado no romance "Menino de Engenho" de José Lins do Rego, no qual Carlos de Melo passa por muitos conflitos pessoais que influenciam diretamente na construção de sua identidade. Diante disso, analisaremos como a figura onipotente da família tradicional contribui para a formação da identidade do menino, que em razão do falecimento dos seus genitores, o avô, senhor de engenho, torna-se o principal objeto em que o neto se espelha, e revela uma força impactante na instituição familiar daquela época, consolidando suas bases e transmitindo seus preceitos e ideologias de uma geração à outra.

PALAVRAS-CHAVE: diálogo, psicanálise, família.

RESUMEN:

Los acontecimientos durante la infancia son la personalidad de los individuos, determinan su visión del mundo y sus opciones. Esto se evidencia en la novela "Menino de engenho" de José Lins do Rego, en la que Carlos de Melo va a través de muchos conflictos personales que influyen directamente en la construcción de su identidad. Teniendo en cuenta esto, consideremos cómo la figura onipotente de la familia tradicional contribuye a la formación de la identidad del niño, que con motivo de la muerte de sus padres, el abuelo, dueño de la plantación, se convierte en el objeto principal en el que el nieto se refleja, y revela una fuerza de choque en la institución de la familia en ese momento, la consolidación de sus bases y el envío de sus preceptos y de las ideologías de una generación a otra.

PALABRAS CLAVE: el diálogo, el psicoanálisis, de la familia.

ABSTRACT:

The events during childhood are the personality of individuals, determine their world view and their choices. This is evidenced in the novel "Menino de engenho" by José Lins do Rego, in which Carlos de Melo goes through many personal conflicts that directly influence the construction of their identity. Given this, consider how the omnipotent figure of the traditional family contributes to the formation of the identity of the boy, who by reason of the death of his parents, grandfather, plantation owner, becomes the principal object in which the grandson is mirrored, and reveals a striking force in the family institution at that time, consolidating their bases and sending its precepts and ideologies from one generation to another.

KEY WORDS: dialogue, psychoanalysis, family.

* Universidade Estadual da Paraíba

* Universidade Estadual da Paraíba

Introdução

A infância é a etapa de nossas vidas na qual começa a se formar a nossa personalidade. Por isso, acontecimentos e escolhas nessa fase são decisivos para definir o caráter de um indivíduo. E nesse caso a família constitui a base de sustentação do indivíduo, o núcleo de decisões ou, ao menos, o ponto de partida para sua tomada. Em "Menino de Engenho", de José Lins do Rego, o protagonista Carlos de Melo vive justamente esse momento vital para nossa formação cultural. As tragédias que o marcam geram conflitos que vão resultar numa criança inquieta e precoce. Durante essas transformações ele se espelha na figura de seu avô, o coronel José Paulino, que supre a carência paterna e representa a força de chefe de família tradicional nordestina daquela época.

Diante disso, analisaremos como a representação do avô contribuiu para a constituição da personalidade de Carlos de Melo, e até mesmo de sua identidade cultural. A narrativa nos conduz ao íntimo pensamento do menino, por isso observamos todos os fatos narrados sob a sua ótica. No entanto, é através desse olhar privilegiado que percebemos o quanto a admiração pelo avô influencia o neto.

Uma relação dessa natureza não foi importante para a formação do sujeito somente na época em que se passa a trama, meados do século XX, ela é primordial até hoje. Psicanalistas defendem que uma referência masculina é determinante na formação do sujeito, na falta do pai, a criança tende a idolatrar parentes próximos como tio, padrasto, irmão, ou avô, como ocorre na obra em foco. Portanto, esta pesquisa mostrará como se deu esse processo de diálogo entre dois indivíduos de gerações diferentes.

Tomaremos como base para esse estudo alguns conceitos psicanalíticos, como os de Sigmund Freud; o diálogo e o dialogismo filosófico de Martin Buber; a pesquisa sobre a obra de José Lins do Rego realizada por Marilene Carlos do Vale Melo e José Aderaldo Castello; e as considerações sobre família de Losacco e Szymanski.

1 – O poder da família

A família sempre se constituiu como a base dos indivíduos independentemente da época. Nas primeiras décadas do século XX, o modelo de família era muito rígido, todas tinham que ser compostas por pai, mãe e filhos, a que fugisse desse molde era considerada atípica. É justamente assim a família de Carlos de Melo até seus quatro

anos quando o pai assassina a mãe num acesso de loucura e logo depois é internado num hospício.

Com esse acontecimento Carlos de Melo se desestrutura, pois como afirma Losacco, "a família é construída por uma constelação de pessoas independente, e sua estrutura reproduz as dinâmicas sócio-históricas existentes" (2005, p.65).

O menino, então, é levado para o engenho do avô e a partir de sua inserção nessa nova família, é esta que irá atuar como instrumento de reprodução dos preceitos sociais vigentes na época. Esse processo, porém, conforme Szimanski, "ou é uma mera repetição da tradição ou uma reprodução irrefletida de práticas que trazem embutidas concepções e desenvolvimento que podem não ser adequadas para aqueles que se destinam" (2005, p. 56).

Ainda acerca desse episódio da narrativa, José Aderaldo Castello declara que "esse quadro de entrada no segundo mundo do menino, início de uma segunda infância (...), tenta apagar as impressões inconscientes do grande impacto determinaria a transferência do aconchego materno para substitutivo estranho" (Apud COUTINHO e CASTRO, 1991, p. 234). Por isso, Carlinhos sente um estranhamento inicial em relação a esse novo mundo que lhe é apresentado, pois, vale ressaltar, que o menino saiu de um ambiente urbanizado, Recife em Pernambuco, e foi morar numa região da várzea da Paraíba.

Na fase desse choque de realidade, a família é o alicerce para a sustentação de Carlinhos. Primeiro, fica amigo de seu tio Juca, que vai lhe buscar em Recife e, no engenho, lhe apresenta seu pai, o coronel José Paulino. Essa amizade dura até o menino mexer sem permissão nos objetos obscenos e libidinosos do tio. Outra referência é a sua tia Maria, carinhosa e fisicamente parecida com a sua irmã, mãe de Carlinhos, este sente de imediato amor por ela, que também retribui; cuida dele e o protege de acusações e mau tratos, principalmente em se tratando da Velha Sinhazinha, uma vez que ela maltrata as "as negras da cozinha" e não gosta de crianças, chega até a bater em Carlinhos. A última e mais importante figura é o seu avô, esta relação será tratada mais adiante.

Todos esses fatos trágicos na vida de Carlinhos o força a amadurecer precocemente. "A ideia posta no imaginário popular é que, por si só, a necessária maturação para a aquisição e o desempenho dos novos papéis surgirá quando a fase adulta se inicia – então, como num 'passe de mágicas', todos os conflitos terão solução num futuro próximo" (LOSACCO apud ACOSTA & VITALE, 2005 p. 67).

Entretanto, essa ideia popular é falsa, pois observamos, através da vida do protagonista de "Menino de Engenho" que a maturação não é própria da fase adulta. A

maturidade se dá à medida que o indivíduo passa por processos que aceleram sua capacidade crítica de tomar decisões. Mesmo com todos os parentes próximos de que Carlinhos gosta, ele se sente um pouco desamparado e isso faz com que se torne independente em certo grau, possuindo uma relativa autonomia em relação aos outros que o cercam. Isso é comprovado através dos dizeres de Losacco: “as próprias noções de infância, juventude e vida adulta são resultantes da história e variam segundo as formações humanas” (apud ACOSTA & VITALE, 2005, p. 67)

Nós vemos uma atitude inovadora em relação à viagem feita pela personagem uma vez que se coloca uma oposição ao êxodo rural, é uma fuga para a zona rural, o que requer do menino uma adaptação a esta nova realidade, sendo para ele um novo horizonte a ser conquistado: o ambiente rural, que vai fazer com que seu imaginário seja alimentado por contos populares pelas atitudes do povo simples e todo o universo machista, ideologia dominante daquela sociedade que determina a relação entre gerações da época, além do poder exercido pelos coronéis sobre os seus agregados; ao passo que no meio familiar há uma mudança estrutural na ideia tradicional de família, ou seja, as figuras paterna e materna são substituídas pela do avô, porém nisso não é ressaltado o conflito de geração, mas a admiração e o respeito que o neto traz pelo avô, o que faz com que ele mesmo não concordando com algumas de suas atitudes não o julga e aceita suas atitudes patriarcais mesmo não entendendo.

2 – O diálogo entre o avô e o neto

Depois da tragédia familiar Carlinhos chega ao engenho do avô, o Santa Rosa: “três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho do meu avô paterno. Eu ia ficar ali morando com ele. Um mundo novo se abria para mim” (REGO, 1996, p.6).

Nesse trecho notamos o aspecto de novidade do lugar para o menino. Ele tem aproximação afetiva com os tios, Juca e Maria, porém é o avô que funciona como objeto de admiração, respeito e reflexo: “sentado em uma cadeira, perto de um banco, estava um velho a quem me levaram para receber a benção” (REGO, 1996, p.7).

A partir daí começa sua convivência com os parentes do engenho, na fase mais importante para construção da identidade de um sujeito: a infância. Conforme Szymanski, “o ser em desenvolvimento é ativo no processo de trocas recíprocas no mundo em que vive, o qual por sua vez, também está em relação com outros ambientes num contínuo processo de mudança” (apud ACOSTA e VITALE, 2005 p.54). Como já foi mencionado, Carlinhos sai de um ambiente urbano e vai morar num rural, com isso absorverá comportamentos e preceitos morais e sociais daquela região da

várzea paraibana. Marilene Carlos do Vale Melo num outro trabalho a cerca de "Menino de Engenho" também reconhece a importância do local: "nesse espaço do engenho, as circunstâncias e tempos específicos em meio aos entrecosques de classes, surgem formas que definem a formação da identidade e da masculinidade do menino Carlinhos sob a égide do poder do mandismo do coronel senhor de terras".

O coronel José Paulino é a representação viva da força da sua propriedade na região. Nas andanças pelos seus domínios com o neto "na garupa" do cavalo, ele ouve atenciosamente as reclamações dos seus moradores, oferece ajuda, fiscaliza o serviço e faz com que a justiça reine em suas terras, para tanto funciona como um "juiz do povo": ouve a denúncia, toma conhecimento das partes envolvidas, e sempre consegue fazer com que a pessoa acusada confesse se foi ou não a autora do crime cometido, ou se realmente houve crime. Quando está em sua residência, o coronel tinha momentos de silêncio, sentava na varanda depois do jantar e lia o Diário de Pernambuco. Sobre isso Martin Buber afirma que: "a linguagem pode remediar a toda variação de sentidos e ainda assim é linguagem (2007, p.35). Ou seja, mesmo por meio do silêncio pode haver comunicação. É o que acontece com Carlinhos que, vendo muitas vezes seu avô quieto em silêncio observa e interpreta o comportamento do avô, o que influencia na sua maneira de enxergar o mundo.

Nesse sentido, Carlinhos tem uma postura de observador, pois, "está inteiramente concentrado em gravar em sua mente o homem que observa, em 'anotá-lo'. Ele o prescreve e o desenha. E na verdade ele se empenha em desenhar tantos 'traços' quanto possível" (BUBER, 2007, p.41). Ao observar o coronel José Paulino, o menino analisa como aquele comportamento autoritário impõe respeito aos demais. Isso o ajudará de certa forma a adaptar-se mais rápido ao local e a pensar mais no seu futuro e nas conseqüentes escolhas que implicam nesse ato.

No capítulo 18, onde se relata o castigo dado a Chico Pereira pelo avô, a personagem principal, embora conte de forma natural a crueldade como este "cabra" é castigado, não condena diretamente os atos do seu avô, mesmo que se coloque em favor do castigado, o ajudando e abdicando de seus prazeres: "fiquei do lado de Chico Pereira, deixei meus primos e os moleques. Não fui ao poço lavar os cavalos para ficar com ele" (REGO, 1996, p. 30). Vemos neste fato uma atitude altamente solidária e que rompe todas as barreiras do preconceito onde, um menino branco e herdeiro do senhor de engenho, se coloca ao lado de um negro condenado e levado ao castigo. Porém, essa atitude se dá de forma sutil, em nenhum momento Carlinhos questiona o coronel, mesmo achando injusta a situação, não fala em favor de José Pereira, está do seu lado de forma pacífica, sem condená-lo ou defendê-lo e com o desejo de compreender aquela situação. Mas, o avô, que a princípio o condena, depois monta

uma estratégia para descobrir a verdade. É como se o menino deixasse as coisas acontecerem, o protagonista aqui não é um “super-herói” que salva quem está em perigo, e também não se expressa de forma verbal, mas suas ações indicam que ele não aprova o gesto do coronel, e mesmo ouvindo e entendendo o injustiçado, não o solta e nem o ajuda a fugir, está do seu lado e lhe dá comida e atenção para que possa suportar a dor, e no final, sem sua participação ativa na tomada de decisão, o prisioneiro é libertado sem demonstrar que houve falha na atitude primeira do avô.

Um outro aspecto a ser destacado é a omissão do avô quando era necessário condenar o seu filho, pois foi ele quem “fez mal” a moça e merecia ser punido em lugar de José Pereira: “na casa grande só se falava baixinho no caso. (...) Na hora da ceia meu avô pouco falou. Tio Juca não viera para a mesa. Apenas no fim o velho Paulino queixou-se: não sei para que servem os estudos. A gente gasta um dinheirão e eles voltam para fazer besteira desta ordem”(REGO, 1996, p.31). Como se vê, o autor denuncia a estrutura tradicional da família burguesa que não condena os seus membros embora percebam o mal que praticam.

Carlos de Melo, ao sentir essa admiração e devoção pelo avô, o coronel José Paulino, constitui o que Freud chamou de Transferência, “fenômeno presente em toda situação em que duas pessoas se relacionam frente a frente” (SHIRAHIGE & HIGA, 2004, p. 36). Essa relação o ajudará a superar as tragédias da sua vida, mas não eliminará as consequências ocasionadas por ela. Porém, se tornará um indivíduo precoce e inconsequente. Ele sentirá na figura do avô a representação de pai, ou seja, transfere todo o amor de filho para o coronel.

Considerações finais

O contínuo processo de trocas recíprocas entre Carlos de Melo e seu avô, o coronel José Paulino, é determinante para sua inserção no novo meio a que é submetido. O menino absorve costumes e tradições do novo local onde mora (Engenho Santa Rosa, na região da várzea da Paraíba).

Nesse processo de mediação de valores, a família constitui o principal agente transmissor dos preceitos sociais vigentes. Nesse sentido, a família de Carlinhos representa um papel principal na sua formação social, cultural e moral. Através disso, percebemos a força impactante de uma família tradicional nordestina típica do início do século XX. No entanto, essa influência se dá de forma sutil e inconsciente,; os valores são aceitos pelos indivíduos de maneira passiva, e mesmo se houver uma não-aceitação a reação é demonstrada apenas de forma verbal, por medo ou receio de

ferir a tradição ou de ser vítima do autoritarismo patriarcal. Vale ressaltar que não só naquela época a família funcionava como base de sustentação para os indivíduos. Atualmente, ela ainda é uma das principais instituições sociais, se não a principal, que regem a construção, sob vários aspectos, do sujeito.

Portanto, o presente trabalho possibilitou inferir o nível de influência proporcionado pela família a um indivíduo, principalmente se ele estiver no período da infância. Percebe-se isso claramente ao longo da belíssima narrativa de *Menino de Engenho*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo. Origens e significado de Menino de Engenho. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). **José Lins do Rego**. Coleção Fortuna Crítica, Volume 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LOSACCO, Sílvia. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller (orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELO, Marilene Carlos do Vale. **A sexualidade de Carlos de Melo em Menino de engenho**. In: 5º Colóquio Nacional de Representações de Gênero e de Sexualidades. I Simpósio Nacional de Psicologia e Crítica da cultura, 03 a 05 de junho de 2009, Campina Grande, PB. Anais... , Campina Grande: Realize Editora, 2009.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 67. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da Psicanálise à Educação. In: CARRARA, Kester (org.). **Introdução à Psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

SZYMANSKI, Heloiza. Ser criança: um momento do ser humano. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller (orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.